

# O ESPECTRO

*Admonet in somnis et turbida terret imago.*  
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

## ADVERTENCIA

O *Espectro* vae substituir o *Ecco de Santarem*. Este ultimo titulo correspondia pouco á grandeza do objecto. A nossa doutrina acha *ecco* em todo o paiz, e não parte sómente de Santarem, parte de todos os corações generosos em que estão radicados os principios da justiça, da liberdade, da igualdade.

O *Espectro* é a sombra das victimas que acompanhará sempre os seus assassinos e oppressores—é a *umbra mortis*, esse fantasma que não deixa o rico no seu palacio nem o pobre na sua cabana—é o innocente a clamar vingança contra o seu perseguidor—é o dedo invisivel da Providencia a escrever nas paredes da casa de Balthazar e sentença da sua morte.

O *Espectro* nem se assigna nem se vende. Assim foi o *Ecco de Santarem*. Distribue-se gratuitamente. Algumas almas bem formadas têm offerecido o seu auxilio para ajudar a publicação que não tem sido accete.

## Lisboa, 15 de dezembro

A populosa Lisboa apresenta o aspecto da morte. As suas ruas como as de Sião acham-se desertas, os seus templos vazios, os seus espectaculos interrompidos, as suas transacções commerciaes paralisadas, os seus habitantes entristecidos, e um murmurio longinquo annunciando algum grande abalo social—esta confusão, esta celeuma que precede os grandes furacões, e que no *sauve qui peut* exprime o estado de consternação em que jaz submergida.

A insurreição bate a todas as portas, e escarnea as iras dos sultões—o despotismo já não ataca, recua, tomou a offensiva, e retira na defensiva. Os exercitos ministeriaes bem municiados, bem providos de tudo tremem diante das forças populares que alcinham de rotas, a quem escaceam todos os meios, e ás quaes só-

mente sobra entusiasmo, galbardia e amor da patria.

Portugal ou hade ser livre ou hade ser conquistado.

Não ha uma terra sem tropa de linha que não proclame immediatamente a liberdade e a resistencia ao governo!

Este facto é caracteristico, e pedimos que d'elle se tome nota. A tendencia do povo é visivelmente para o progresso.

A insurreição não é conquista—rebenta espontaneamente apenas o povo fica desaffrontado da força oppressora.

Este fenomeno é singular, e determina o nosso grande character de nacionalidade.

A capital teme e treme. Ha aqui muito egoismo n'uns, muita indiferença n'outros, mas ha grande espirito de liberdade nas massas que a agiotagem não tem corrompido, ha muito voluntario armado com quem o povo póde contar, ha muito cidadão respeitavel cuja arma não se hade disparar contra os seus irmãos, ha muito patriotismo encoberto debaixo d'essas corréas cabralistas, muito coração ardente que só deseja vêr chegado o momento da aproximação das forças populares para se unir a ellas e ajudal-as na nobre empreza de libertar o paiz.

O poder conhece esta verdade, sente-a, apalpa-a. O espirito publico revela-se em todos os actos individuaes: o edificio ministerial allue-se e desmorona-se por todas as partes.

Não podemos ser extensos mas diremos quanto é necessario para avaliar a situação.

Os erros da administração Cabral trouxeram-nos a crise financeira, e com ella a revolução. E' engano dizer que o nosso estado actual é filho da revolução do Minho; essa revolução foi o resultado infallivel do máu governo, foi effeito e não causa.

Não fallamos por conjecturas—documentos dos nossos adversarios são o fundamento das nossas asserções.

O conde do Tojal em dezembro passado con-

sultava o banco sobre a necessidade da introdução da moeda estrangeira, porque o numerário escaceava não obstante o alarde da affluencia dos capitaes. Esta consulta e a resposta do banco no sentido affirmativo caracterisa o estado d'aquella época de delicias.

Em 28 de janeiro d'este anno dizia a direcção da *confiança nacional*, ou antes o sr. Roma, alma e cabeça da agiotagem:

«A direcção via o paiz caminhando n'esta «estrada (na do credito); mas circumstancias «que se não poderiam evitar, e outras que *eram* «consequencia de erros commettidos vieram oppôr uma barreira a este progresso.

«Uma operação se decretou apesar de todos os esforços da direcção. A sociedade Foll-gosa, Santos, Junqueira e companhia foi encarregada da conversão da divida externa em «titulos de 4 por cento. Esta operação pareceu á direcção *damnosa ao paiz* por diferentes «motivos; e a *experiencia veio desgrazadamente justificar as suas apprehensões.*»

O documento é insuspeito—não é nosso, é dos homens influentes da situação, e de uma época anterior á revolução do Minho. Esta decorreu d'ali como da sua fonte.

Com a revolução cabiu a fantasmagoria do credito. A crise existia, e não a creámos nós. O banco declarou-se fallido no mesmo dia em que a revolução começou a governar. A bancarrota não foi obra nossa, foi um legado da administração cabral.

A *confiança* quebrou logo tambem. Eram umas poucas de associações compostas dos mesmos homens, creadas para o mesmo fim que morreram apenas morreu o governo que auctorisára todos os seus alborques.

O banco de Lisboa foi sempre um banco de agiotagem, e os seus admiradores tiveram a imprudencia de censurar pela imprensa o banco do Porto por não querer contractar com o governo, e levavam o seu cinismo a ponto de notarem que os discipulos do sr. Roma davam 13, 14 e 15 por cento de dividendo em quanto os do Porto repartiam apenas 3 por cento! A consequencia d'esta doutrina estulta e egoista foi que o banco do Porto tem conservado o valor das suas acções sem alteração sensivel em quanto o de Lisboa vende por 300\$000 rs. o que não ha muito lhe dava mais de 835\$000 réis!!!

A revolução nivelou as coisas lançando por terra esses valores ficticios, essas imposturas da agiotagem que serviram sómente para roubar os pobres e os incautos. A agiotagem ferida do raio começou a tramar a contra-revolução depois de vêr que eram infructuosas as tentativas para dominar o governo.

As acções do banco de Lisboa cahiram mas conservaram-se durante a administração liberal em 450\$000 réis—as da *Confiança* de 20 por cento (premio) cahiram a menos de metade

do seu valor, do qual não teem subido apesar das alterações que tem havido *na fórma da cotação* para illudir os simplices—as das *obras publicas*, já haviam morrido ha muito.

O desconto das notas do banco de Lisboa andou de 320 a 420 rs.: alguns dias houve em que este desconto foi maior, mas isso deve-se a jogo da agiotagem.

A *tenebrosa* de 6 de outubro annunciou que vinha remediar estes males. Eis-aqui os seus resultados extrahidos dos documentos officiaes:

(Administração liberal)

|          | ACÇÕES<br>DO BANCO     | DESCONTO<br>DE NOTAS |
|----------|------------------------|----------------------|
| Setembro | 18—440\$000 a 455\$000 | 440—400 réis         |

(Administração cabralista)

|          |                        |           |
|----------|------------------------|-----------|
| Outubro  | 10—420\$000 a 440\$000 | 600—540 » |
| Novembro | 17—350\$000 a 440\$000 | 600—540 » |
| »        | 27—330\$000 a 350\$000 | 800—750 » |
| Dezembro | 6—310\$000 a 330\$000  | 800—750 » |
| »        | 10—300\$000 a 320\$000 | 900—850 » |

Esta sinopse copiada do *Diario* demonstra os milagres do credito. A agiotagem domina, e não vingam as suas trapaças. Fingiu que creava uma companhia para diminuir o desconto das notas, e o desconto augmenta! Por uma estulticia de que não ha exemplo decretaram penas para quem não quizesse receber um papel depreciado, e a consequencia foi augmentar o preço de todas as coisas! Emprestaram dinheiro ao governo e declararam que não o tinham para resgatar as notas!

Assim podem fazer o que quizerem. Em quanto a fabrica do Tojal fizer papel podem emprestar dinheiro que não emprestam senão uma tira de trapo!

Para augmentar o escandalo foram arruinar os *verdadeiros accionistas* do banco a fim de salvar os *accionistas ficticios* e a *confiança* cujas acções estavam por metade do seu valor real: calcularam rendimentos que não existem, como as letras dos proprios accionistas que andam do reforma em reforma, e que não podem nem nunca hão de ser pagas; e por fim lançam sobre o paiz essa calamidade de notas, que até aqui só affligia Lisboa, e vão obrigar o pobre povo a dar esse resto de metal, que ainda tinha, por um papel que nada val.

Mas para que este desastre não fosse sem alguma grandeza o banco de Lisboa depois de fallido foi elevado ás maiores honras, e com o titulo de *Banco de Portugal* ahi se levanta um estabelecimento com creditos irrealisaveis e com dividas reaes—é uma pompa funebre igual á da

.....misera e mesquinha  
Que ainda depois de morta foi rainha.

D'este alborque vem toda a depreciação das acções do banco, toda a anciedade publica, toda a paralisação do commercio. Agiotagem e governo são um na essencia e dois nas pessoas — é um logro publico a reunião de dois estabelecimentos cujos fundos primitivos se eram diversos era ainda muito mais diverso o seu credito e meios de solução dos seus encargos. Esta giria não servia senão para alliviara *confiança* de entrar com mais *tres mil contos*, que tanto falta para os *oito mil* ainda depois dos *mil e duzentos* com que agora deve entrar.

Não podemos aqui descarnar todo esse jogo: tempo virá em que o possamos fazer, e tambem fallaremos então d'essa *tranquibernia* por via da qual o ministro da fazenda fez presente de mão beijada ao contracto do tabaco de uns 150 contos por anno!

D'este conjunto de erros, desperdícios, delapidações é que provém essa indignação geral, esse espasmo que se apoderou do publico, essa anciedade pelo momento da redempção. Esses mesmos preços *cotados* são nominaes: a mesma folha official diz — *tudo está estagnado!*

E está, é verdade! Em Londres é o mesmo. A 39 ficaram esses fundos que chegaram quasi a 70, e a folha official bate as palmas porque no dia 5 subiram em Londres a 39 e meio!!!

Eis-ahi o estado da cidade e as suas causas — são os documentos officiaes que o dizem, desmintam-nos se podem.

Um individuo chegado de Valença informa-nos que aquella praça se achava sitiada pelas forças populares.

### Á ULTIMA HORA

As armas nacionaes vão obtendo gloriosos triunfos e libertando a patria da facção que a opprime.

A noite passada sahiram d'aqui nove fragatas para o transporte das bagagens do exercito do Saldanha, que parece tocar á retirada, e aquella força que ha pouco hia bater ás portas da lusa Athenas vem recolhendo á capital sem os louros do triunfo.

Eis-aqui as noticias de Santarem ás 11 horas do dia 13:

«O tenente general conde de Bomfim, com a sua divisão, e a columna do commando do brigadeiro Mousinho d'Albuquerque, entrou no dia 11 em Leiria ás 4 horas da tarde.—O inimigo havia abandonado esta cidade, ás 4 horas da manhã, deixando rações, e alguns soldados, que se apresentaram. Na noite de 12 pernoitaram as forças inimigas do commando dos coroneis Lapa e Ferreira, em Rio-Maior, onde por todo o dia seguinte (13), devia estar o conde de Bomfim.

O tenente coronel Galamba, com 80 cavallos, com o batalhão dos bravos serranos de Cintra, um corpo de artilheiros, e as competentes munições de guerra, sahiu de Santarem no dia 13, a reunir-se com as forças populares do commando de José Estevão, para operarem da outra banda do Tejo.

Em data de 14 dizem da mesma villa de Santarem:

«O conde de Bomfim pernoita hoje nas Caldas da Rainha com uma soberba columna capaz de operar por si só sobre o inimigo.

«O conde de Mello com todas as suas forças marcha tambem de Evora sobre Setubal.»

Por carta de Villa Franca, de hontem (15), consta que as forças nacionaes entraram em Rio-Maior.—Foram em Villa Franca apenas todas as fragatas, para conduzir para Lisboa as bagagens do Cartaxo, d'onde consta levantára o campo o marquez de Saldanha.

Temos periodicos do Porto até ao dia 9, pelos quaes consta que aquella cidade foi declarada em estado de sitio. Casal achava-se perto de seus muros.—Descobriu-se dentro uma conspiração, que foi completamente aniquilada.—Abaixo transcrevemos a proclamação da junta do supremo governo do reino, n'esta solemne occasião.

Não é possivel descrever a decisão e entusiasmo das forças nacionaes, de linha e populares, d'aquella invicta cidade.

Coimbra está perfeitamente fortificada e guardada.

Desde 16 de outubro até 30 de novembro tinham-se apresentado ao exercito de operações, entre officiaes superiores, inferiores, e praças de pret, 382 individuos.

A junta do supremo governo do reino nomeou commissarios no Porto junto da caixa filial do banco de Lisboa para formarem um balanço completo e exacto do seu estado effectivo e objectarem quaesquer operações, que considerarem prejudiciaes á nação, as quaes não terão effeito sem approvação d'aquella junta suprema.

Eis-aqui a proclamação:

### PARTE OFFICIAL

Portuenses!—O general Abreu volta de novo com a força do seu commando a aproximar-se das linhas do Porto.

Elle não confia em si. Confia na traição. Mas engana-se. A junta está prevenida. Ninguem ousará dentro dos muros do Porto levantar um grito criminoso, fazer uma tentativa

culpada. Ninguem o ousará! E ai d'aquelle que o ousasse!

As medidas convenientes estão tomadas.

Porto! A Europa nos contempla! Com a ajuda de Deus, pela intercessão da Virgem, protectora de nossas armas, e de nossa gloria, o Porto será sempre vencedor—nunca vencido.

A liberdade nos inspira! Os escravos que vem trazer os ferros, e a assolação a esta cidade ficarão petrificados diante de nossas bayonetas. O Porto é a cabeça de Meduza diante da qual os tyranos estremece e gelam de terror.

O assassino d'Agrella terá de fugir espavorido diante da firmeza, e do valor dos heroicos portuenses, e de todos os valentes que das provincias vem pelejar a nosso lado pela causa santa da nação e da liberdade.

O escravo rebellado já aprendeu nos campos de Val-de-Passos como corta o ferro empunhado pela mão do homem livre.

Confiemos na protecção do Eterno, e no esforço de nossos braços.

Transmittamos á posteridade uma nova pagina de heroismo—a nossos netos uma rica herança de gloria, e um grande e novo exemplo de valor.

As armas cidadãos! Ás armas! por Deus, e pela liberdade: e—Viva o Porto!—O Porto sempre grande, sempre intrepido, sempre heroico, indomito, invencivel!—Viva a nação!—Viva a liberdade!—E ás armas!—Palacio da junta pro-

visoria do supremo governo do reino em 8 de dezembro de 1846.—*José da Silva Passos*, vice-presidente—*Francisco de Paula Lobo d'Avila*—*Antonio Luiz de Seabra*—*Justino Ferreira Pinto Basto*—*Sebastião d'Almeida e Brito*.

—o—o—o—  
*Exercito d'operações — 2.<sup>a</sup> columna*

Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr.—Na fórma do que hontem communiquei a v. ex.<sup>a</sup>, marchei sobre esta villa pelas 5 horas da tarde.—Os facciosos retiraram hontem de noite, e eu não tendo tido essa noticia no caminho só entrei hoje depois de dia claro. O illustre conde de Villa Real e os bravos do seu commando sustentaram Ourem como dignos defensores da causa em que nos achamos empenhados. Constou-me no caminho que vinte e dois homens de cavallaria, que abandonaram as fileiras do inimigo, marcharam na direcção de Torres Novas para se apresentarem; não os encontrámos; asseverou-me pessoa de credito que marcharam n'essa direcção. Acabo de ordenar que visto o inimigo ter cavallaria bastante, viessem immediatamente unir-se-me, e com effeito vieram para aqui.

Conservo comigo o conde de Villa Real e os bravos do seu commando, pois espero d'elle grandes serviços.—Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup>.—Quartel general em Villa Nova d'Ourem, 5 de dezembro de 1846.—Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. conde das Antas.—*Conde do Bomfim*.